

## Reflexão sobre os Saberes Curriculares Humanizantes

A autora Cecília Irene Osowski aborda a questão da educação humanizada como um novo rumo educativo-filosófico a perseguir, visando, em particular, criar indivíduos mais sensibilizados para as questões sociais, com consciência da importância do seu papel para o desenvolvimento e bem-estar social (o bem comum) e, em geral, uma sociedade mais solidária.

Importa, pois, especificar o que pode ser concebido como “educação humanizada”. Segundo Paulo Freire (1981), existem dois tipos de educação que são diametralmente opostos e que influenciam o modo como o indivíduo vai perceber e agir no mundo: a educação desumanizada, que reside na concepção do acto de ensinar como uma mera transferência de conhecimentos entre docente e aluno, sendo, neste caso o último o recipiente passivo da informação recebida; e a educação humanizada que reside na concepção do aluno como ser pensante, que é capaz de estabelecer conexões e chegar a conclusões, praticando ele mesmo o acto de conhecer. Assim, concebe-se que a humanização na educação visa promover a autonomia de pensamento ou a aprendizagem consciente, não podendo ser dissociada da profunda consciencialização social inerente.

De facto, os padrões sociais, devido às crescentes imposições das políticas neoliberais, fizeram emergir seres sociais cada vez mais desenraizados de quaisquer padrões ou valores morais, o que promoveu a competição quase irracional entre indivíduos e a consequente delapidação da moral e consciência social. Competição essa que era promovida e valorizada por uma política empresarial, cujo único objectivo assentava na produção massiva e a captação de lucro a qualquer custo e sem qualquer preocupação com seu o capital humano. Assim, a sociedade foi crescendo e evoluindo sem qualquer padrão ou limite, cada indivíduo tendo o outro como possível adversário que lhe iria tirar a colocação no mercado de trabalho.

A consciência da perda de valores e a consequente tragédia humana daí inerente abriu caminho para uma nova forma de pensamento que defende uma sociedade mais humanizada que sobrevalorize os valores morais e defenda a dignidade da condição

humana. Para tal torna-se necessário incutir nas pessoas esses valores perdidos, esquecidos ou relegados para segundo plano, de modo a criar uma crescente consciência do papel social de cada um, onde o outro seja visto como um parceiro ou aliado, pois só em conjunto é possível criar uma sociedade mais envolvida com a inclusão dos indivíduos, mais sensibilizada para as necessidades dos outros e preocupada com a defesa da dignidade humana como ponto de partida para criar qualidade de vida e estabilidade social.

É certo, como Osowski indica, que a escola actualmente enfrenta desafios que a colocam perante o paradoxo de conciliar os ditames da sociedade neo-liberal e do capitalismo desenfreado, por um lado, e a necessidade de inculcar valores e características humanizadoras nas aprendizagens veiculadas, por outro lado. Muitos estabelecimentos de ensino já preteriram a desumanização e colocaram ênfase na transmissão de valores no seu paradigma educativo. O ensino humanizado ganha, desta forma, um novo fôlego, trazendo também a esperança inerente de renovação social.

Nesta medida, há que realçar o contributo essencial da actuação do professor, pois ele será sempre o agente de qualquer política, filosofia ou ideologia educativa. Cabe ao docente, na posição privilegiada em que se encontra, aplicar a teoria pedagógica na prática educativa, adaptando o currículo às necessidades educativas de cada aluno. Neste contexto, a escola visa promover “a formação integral da pessoa”, o que, em última análise, significa que é impossível educar sem que exista uma consciência ideológica, quer por parte da instituição de ensino, quer por parte do docente que promove o ensino. Num contexto social em que ainda imperam maioritariamente as premissas neo-liberais, que promovem a competição maciça entre os indivíduos e, conseqüentemente, a desumanização social, há que optar pela tomada de consciência dos educandos, de modo a que possam efectuar escolhas livres e conscientes sobre o tipo de sociedade que pretendem desenvolver e estar envolvidos. Neste sentido, o próprio “relatório Delors” (Unesco, 1996) alerta para a importância dos quatro pilares da educação e da necessidade em educar indivíduos autónomos e auto-suficientes, com consciência do seu papel social e da sua versatilidade laboral.

As crianças devem ser educadas, sem dúvida, para saberem aprender a aprender, para buscar os conhecimentos que necessitam, para desenvolverem as suas capacidades; no

entanto, tal é impossível se as mesmas não forem sensíveis ao que as rodeia, à sociedade que as envolve. Não se podem educar crianças para serem autónomas e ao mesmo tempo continuarem alienadas da realidade social. Este é o paradoxo com que os educadores, conscientes da necessidade de imprimir valores morais e sociais aos seus educandos, se deparam à partida.

Para a professora e pedagoga Rosimeiri de Paula Spagolla a humanização da educação contém, em si, todo o processo de mudança e transformação necessária, uma vez que é, em simultâneo, processo e produto. No processo de humanização reside a actuação diária nos estabelecimentos de ensino, quer nas salas de aula, quer em reuniões, quer no desenvolvimento pedagógico, onde se colocam em ação a valência de princípios como os “da igualdade, da convivência fraterna, da reciprocidade, da solidariedade ativa, para a promoção de um mundo mais justo e humano” (Spagolla, 2011: 2). O produto está directamente interligado à criação de um novo espaço de formação, aceitação e interacção social: “o espaço novo da educação do homem ativo, esperançoso, que aprendeu a viver junto aos seus semelhantes, na empreitada da formação e da produção social, da cultura, das relações humanizadas” (Spagolla, 2011: 2).

Assim se compreende que a humanização do ensino passa por um processo de transformação moral e social, assente numa cadeia de causa e efeito que gera, em si mesma, a mudança pretendida. No entanto, apesar de parecer simples este processo apresenta um paradoxo: como produzir uma educação humanizadora se o móbil de mudança, ou seja, os docentes são eles mesmos produtos da sociedade desumanizada? Neste sentido, Paulo Freire avança com uma resposta que não pode ser despicienda, a mudança deve começar pelo próprio docente, pois é ele que, mediante a sua auto-libertação do padrão vigente por um esforço de consciência, fica possibilitado de exteriorizar a mesma visão pedagógica mediante a sua aplicação prática.

Segundo Osowski é importante aprender a utilizar a sensibilidade, a expressar os sentimentos, nesta medida, o contacto com a linguagem poética permite “o acesso a uma forma de expressão” e “permite às pessoas comunicarem-se através de uma outra linguagem, com a sua lógica específica” (Osowski). Assim, a sensibilidade estética serve de veículo para auxiliar na exteriorização de sentimentos, pensamentos e a sensibilidade à arte. É o vincular de emoções que permite repensar os sentimentos e

debatê-los em sociedade e, em simultâneo, sentir-se parte integrante dessa mesma sociedade.

**A criação de uma sociedade humanizada só é possível se os actores sociais estiverem envolvidos, o que implica uma grande consciencialização individual, assim, cabe às escolas e aos docentes dar esses passos mediante a transformação das suas políticas e práticas educativas. Cada indivíduo merece consideração quer nas suas diferenças, quer nas suas semelhanças, mas a sua aceitação social só é possível mediante o ensino sistemático da tolerância, dos valores morais e sociais para a promoção de um amanhã mais confiante, mais humano. A instituição CCRCCR protagoniza com os seus atores esses valores!**

Cristina Coelho

Diretora Pedagógica

## Bibliografia

FREIRE, Paulo (1981) *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos*, vol. 10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, em [http://www.esnips.com/doc/47bfd645-f7a5-4f54-9f6f-9945c8727abe/PauloFreire--Acao\\_cultural\\_para\\_a\\_liberdade](http://www.esnips.com/doc/47bfd645-f7a5-4f54-9f6f-9945c8727abe/PauloFreire--Acao_cultural_para_a_liberdade), acessado a 7 de Maio de 2011.

OSOWSKI, Cecília Irene (?) *Saberes Curriculares, Humanizantes: do Dizer Poético à Transversalidade Temática*. São Leopoldo: UNISINOS.

SPAGOLLA, Rosimeiri de Paula (2011) *Afetividade: por uma educação humanizada e humanizadora*. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Secretaria de Estado da Educação – SEED, em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2343-8.pdf>, acessado a 7 de Maio de 2011.

UNESCO (1996) “Os quatro Pilares da Educação”. In *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o séc. XXI*, pp. 89-102.